



## CORPO DE DELITO

# Epístola do Segredo de Justiça aos Sacerdotes

Pergunto porque não fazeis nada para acabar com os atentados à minha memória. Tantas vezes a espezinham, e vós nada fazeis, continuando o espectáculo asqueroso



Rui Patrício

Excelências, Estou morto e enterrado, aconchegado debaixo de sete palmos de terra bem medidos. Mas ainda não perdi a capacidade de me sentir, pois quem não se sente – diz o provérbio dos vivos – não é filho de boa gente. Aliás, segundo sei, a lei protege a memória dos mortos, e eu não sou menos que outros, na verdade até parece que sou mais, pois muito se fala de mim, como se eu fosse um daqueles que o poeta disse que se vão da lei da morte libertando. De facto, são tantos os que enchem a boca com o meu nome (não sei se por distração, se por cinismo ou se por pecado maior), que às vezes belisco as ossadas para confirmar que estou bem morto.

Pois bem, Excelências, nestes longos anos que levo de sepultura, tomado de indignação, várias vezes pensei em escrever-vos, mas, com a passagem do tempo e algumas voltas calmantes na cova, logo desisti e dei de ombros (só ossos), como costuma acontecer ao português que vive entalado entre a indignação e a pregui-

ça. Contudo, desta vez a coisa tomou maiores proporções, durou mais tempo, foi um caso e outro, depois outro ainda; virei-me na cova, uma e outra vez, à procura de refrigério, mas ele não veio. Decidi, assim, escrever-vos, a vós que sois os sacerdotes e as sacerdotisas do meu templo (da minha memória); ou porque fazeis as leis, ou porque as manejaís de uma forma ou de outra, ou ainda porque tendes a responsabilidade de dar aos povos a notícia das coisas. Escrevo para perguntar, atrevidamente.

Pergunto porque não fazeis nada para acabar com os atentados à minha memória. Tantas vezes a espezinham, e vós nada fazeis, continuando o espectáculo asqueroso. Alguns de vós dizeis que está mal, que assim não pode ser,

às vezes até verteis uma lágrima (quem sabe se de crocodilo), mas, fora isso, nada fazeis. Dizeis que não podeis, que a lei não permite ou que a prova é difícil. Mas não sois vós lestos noutros assuntos a mudar a lei, tantas vezes lhe dando músculo, sem pudor e sem hesitação? E não reclamais vós que os outros cumpram as leis? E não sois vós lestos também em interpretar a lei de modo a vencer dificuldades de prova, usando (e abusando) da chamada prova indirecta, aquela que ensina através da lógica aquilo que os olhos não vêem e os ouvidos não ouvem? Então e aqui, quando espezinham, muitas vezes não se está mesmo a ver de quem são os pés? Aqui a lógica e a prova indirecta não servem? Porquê? E também vos pergunto, Excelências, se nada fazeis porque tendes medo ou porque vos falha a coragem. Ou será antes porque gostais deste espectáculo ou porque vos convém? Ou por inércia? Peço-vos que me expliqueis. Mesmo sob sete palmos de terra, não posso ficar sem respostas. É que, Excelências, se vos falta a coragem, então não podeis estar onde estais, e se gostais ou se vos convém, menos ainda, e por inércia nem pensar. Ser Excelência não é para todos, e tem sempre de rimar com decência.

Aceitai, Excelências, os meus melhores cumprimentos,  
O Segredo de Justiça.

*Advogado*

E também vos pergunto, Excelências, se nada fazeis porque tendes medo ou porque vos falha a coragem?

Ou será antes porque gostais deste espectáculo, ou porque vos convém? Ou por inércia?